

Letra de Celso lino. pp. que em portugul
possamos emleger meesse provincial.

39.18.

Celestinus incipit

10

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS
UNIVERSIDADE DO PORTO
2021 | 13ª EDIÇÃO



COORDENAÇÃO DE
ANA CLARINDA CARDOSO, ANDRÉ RODRIGUES,
J. CARLOS TEIXEIRA, PAULO MORGADO E CUNHA
RUBEN FILIPE TEIXEIRA DA CONCEIÇÃO.

SILVANA R. VIEIRA DE SOUSA

Confirmacio de Celso lino do privilegio del lino lino q' possamos fazer m.
em portugul. Salva Consição e visitaçõe maioris Magist'ry.

Celestinus. Episcopus servus servorum Dei. Dilectis filiis. . .
Comendatoribus et fratribus domus. . .
portugaliæ et algaribus Regni. . .
FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA DIGITAL, 2022



Ficha técnica

Título: Incipit 10. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2021
Coordenadores: Ana Clarinda Cardoso, André Rodrigues, J. Carlos Teixeira, Paulo Morgado e Cunha, Rúben Filipe Teixeira da Conceição, Silvana R. Vieira de Sousa
Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital
Local de edição: Porto
Ano de edição: 2022
ISBN: 978-989-9082-13-7
Capa: Ana Clarinda Cardoso
Composição e paginação: J. Carlos Teixeira e Rúben Filipe Teixeira da Conceição

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

A crise dinástica de 1383-1385 em Fernão Lopes, Pero López de Ayala e Jean Froissart: a construção de uma narrativa histórica

Rute Russo
Universidade do Porto

Resumo:

Esta tese de doutoramento tem como objetivo analisar as representações da crise dinástica de 1383-1385 nas crónicas de Fernão Lopes, Pero López de Ayala e Jean Froissart. Partindo de uma análise interdisciplinar e comparatista, procurar-se-á contrapor os diferentes relatos e versões que os cronistas transmitiram, procurando discernir por um lado, as diferentes perspetivas sobre este episódio em três autores distintos e, por outro, compreender os propósitos ideológicos subjacentes a estas representações. Considerando que Fernão Lopes, Pero López de Ayala e Jean Froissart cobrem nas suas obras, respetivamente, os reinos de Portugal, Castela, França e Inglaterra, o estudo de três cronistas provenientes de distintos espaços nacionais permite abordar as representações da crise dinástica mais além dos paradigmas de análise que têm dominado o estudo deste tema, nomeadamente o binómio espacial Portugal-Castela e o binómio literário Fernão Lopes-Pero López de Ayala. Ao adicionar Froissart como fonte, procuramos, por um lado, o estudo de uma versão exógena à das crónicas oficiais portuguesas e castelhanas, e, por outro, procuramos entender o impacto internacional da crise dinástica na cronística medieval fora da Península Ibérica. Que fontes foram usadas pelos cronistas? Como se construiu a imagem dos protagonistas e eventos? Qual a receção e impacto destes relatos na posterior historiografia? Os relatos são verídicos ou ficcionais? São questões que queremos responder, numa abordagem que pretende revalorizar o discurso cronístico como fonte para a história medieval.

Palavras-chave:

Fernão Lopes; Ayala; Froissart; cronística medieval.

Abstract:

This doctoral thesis seeks to analyse the representations of the Portuguese dynastic crisis of 1383-1385 in the chronicles of Fernão Lopes, Ayala and Jean Froissart. Through an interdisciplinary and comparatist approach, we will contrast the different accounts and versions given by the chroniclers. We seek to discern the diverse perspectives in three distinct authors concerning this historical event and also to grasp the ideological motivation underlying these representations. Considering that Fernão Lopes, Ayala and Jean Froissart write about the kingdoms of Portugal, Spain, France and England respectively, therefore studying three chroniclers belonging to different national places allows us to approach the representations of the dynastic crisis beyond the analysis paradigms that have been dominant on this topic, namely the territorial binomial Portugal-Castile and the literary binomial Fernão Lopes-Pero López de Ayala. By adding Froissart as a source, we seek first of all the study of a version that is exogenous to that of the official Portuguese and Spanish chronicles. Besides that, we also want to understand the international impact of

the dynastic crisis in the medieval chronicles outside the Iberian Peninsula. Which sources were used by the chroniclers? How was the image of the protagonists and events built? What was the reception and impact of these accounts in the late historiography? Are the reports true or fictional? These are questions we want to answer through an approach that seeks to revalue the chronicle discourse as a source to medieval history.

Keywords:

Fernão Lopes; Ayala; Froissart; medieval chronicles.

1. Tema, problemas, objetivos, cronologia e espaço

O tema desta tese é a representação da crise dinástica de 1383-1385 em Fernão Lopes, Pero López de Ayala e Jean Froissart.¹ A cronologia abarca todo o século XIV e as primeiras duas décadas do século XV respetivamente. Pero López de Ayala viveu entre 1332-1407,² Jean Froissart entre 1337-1405³ e Fernão Lopes entre 1380?-1460?⁴ O cronista francês relata eventos desde os anos de 1330 até à primeira década dos Quatrocentos. O seu homólogo castelhano arranca a sua crónica com o reinado de Pedro I de Castela em 1350, mas recua duas décadas ao reinado de Afonso XI, para contextualizar os antecedentes dos eventos que irá narrar. Fernão Lopes começa a narrar eventos dos anos 1350 e termina o seu relato em 1411, o último ano coberto na Crónica de D. João I e que por isso está incompleta. Por estas razões, além da necessidade imperiosa de entendermos os antecedentes da crise dinástica nas décadas anteriores, optamos então por esta baliza temporal de estudo. Quanto ao espaço de análise, este compreende os reinos de Portugal, Castela, França e Inglaterra.

Pero López de Ayala⁵ e Jean Froissart⁶ foram contemporâneos à crise dinástica. Pero López de Ayala foi chanceler de Castela, poeta, cortesão, cronista e militar. Foi preso na Batalha de Aljubarrota em 1385,⁷ configurando-se assim como participante e testemunha nos acontecimentos que narrou. Já Fernão Lopes nasceu durante os anos de 1380, precisamente durante a década da crise dinástica, por isso não presenciou estes eventos, pertencendo à geração que nasce imediatamente após a crise. O cronista

¹ Esta tese beneficia de uma bolsa de doutoramento da FCT com a referência BD/ [06195]/[2020]. Tem também o apoio da FCT, MCTES, UE, FSE e NORTE 2020.

² José-Luís Martin, introdução a *Crónicas*, de Pero López de Ayala (Barcelona, Planeta, 1991), xlvii-lxiii.

³ Peter F. Ainsworth, introdução a *Les Chroniques. Livres I et II*, de Jean Froissart (Paris: Lettres Gothiques, 2001), 9-36.

⁴ João Gouveia Monteiro, *Fernão Lopes: Texto e Contexto* (Coimbra: Livraria Minerva, 1988), 39.

⁵ Martin, introdução a *Crónicas*, xlvii-lxiii.

⁶ Ainsworth, introdução a *Les Chroniques*, 9-36.

⁷ Martin, introdução a *Crónicas*, liv-lx.

luso foi escrivão, notário, guarda-mor da Torre do Tombo e cronista oficial do reino.⁸ Poeta, romancista, cronista, Jean Froissart foi também escrivão, notário e clérigo,⁹ tendo escrito as *Crônicas* ao longo de toda a sua vida e a pedido de vários mecenas. Durante anos foi visto como um cronista da cavalaria e da aristocracia medieval.¹⁰

Objetivos gerais:

- Partindo de uma análise comparatista, procurar-se-á cruzar relatos para entender e identificar que fontes foram usadas pelos cronistas, que versões circulavam nacional e internacionalmente sobre a crise dinástica e como estas impactaram os cronistas e a historiografia dos séculos XIV e XV. Que critérios de seleção de fontes foram aplicados pelos autores? Que tipo de fontes são mais utilizadas em cada autor: as fontes orais, as fontes documentais ou testemunhos diretos? Qual o grau de influência e conhecimento mútuo dos três cronistas entre si? São questões que procuraremos responder;

- Discernir os propósitos ideológicos subjacentes nas crônicas, contextualizando-as no seu respetivo contexto histórico e político;

- Entender o impacto das representações na imagem que posteriormente se construiu dos protagonistas e eventos na historiografia deste tópico.

Objetivos concretos:

- Ao analisar Pero López de Ayala e Jean Froissart, dois autores pouco estudados na historiografia nacional, pretendemos assim analisar a narrativa da crise de 1383-1385 numa abordagem simultaneamente transnacional e inovadora, indo mais além da versão lopesiana que é dominante. Esperamos assim contribuir para um maior conhecimento de duas fontes importantes sobre a crise sucessória, procurando desta forma uma renovação historiográfica sobre este episódio histórico.

- Partindo de uma análise da construção da narrativa histórica da crise dinástica, procurar-se-á demonstrar como a literatura e o discurso cronístico funcionam como repositórios do pensamento e da sociedade de uma época, numa abordagem que procura revalorizar o discurso cronístico como fonte para a história sociocultural e que sublinha marcadamente a importância da interdisciplinaridade.

⁸ Monteiro, *Fernão Lopes*, passim.

⁹ Ainsworth, introdução a *Les Chroniques*, de Jean Froissart, 9-36.

¹⁰ Kristel Skorge, "Ideals and values in Jean Froissart's *Chroniques*" (Phd, University Bergen, 2006), 3-4.

- Partindo destes cronistas procurar-se-á entender como a crise dinástica foi percecionada, à escala internacional no período tardo-medieval, nomeadamente a sua receção em textos histórico-literários.

2. Enquadramento historiográfico

A crise dinástica de 1383-1385 é um tema exaustivamente estudado na historiografia portuguesa. Contudo, as crónicas suscitam desde há décadas cautela na comunidade historiográfica. Rita C. Gomes salientou o surgimento de uma historiografia na primeira metade do século XX que era crítica em relação à crónica medieval. Esta historiografia criticava o facto de estas obras estarem centradas na narração dos feitos históricos individuais, nomeadamente do rei, ignorando em essência outros grupos sociais e vertentes de análise histórica.¹¹ A escola dos *Annales* procurou recentrar o interesse da historiografia nas grandes tendências socioeconómicas e numa perspetiva macro-social.¹² Com os *Annales*, a crónica foi por um lado secundarizada como principal fonte histórica do medievo. Por outro lado, a análise da crónica foi recentrada pelos *Annales* nas vertentes económicas, sociais e culturais da medievalidade. O caso lopesiano é disso exemplo, sendo perceptível a partir dos anos de 1960 uma grande discussão na historiografia portuguesa sobre o potencial para a análise da sociedade tardo-medieval que provinha da vasta obra do português, visto que o mesmo aliou a uma análise complexa da economia portuguesa do seu tempo, uma abordagem lata do ponto de vista social, permitindo penetrar na realidade quotidiana de todos os grupos sociais.¹³ O foco nas grandes personalidades da crónica foi secundarizado face a esta reorientação temática da historiografia. A isto juntou-se uma desconfiança que desde sempre acompanhou a comunidade historiográfica sobre textos que são escritos dentro de um quadro de patrocínio oficial e por isso sujeitos a condicionamento.¹⁴ O estudo do discurso cronístico inseriu-se numa tendência da segunda metade do século XX que revalorizou a importância da crónica para a história social e mental, fazendo assim renascer o interesse por estes textos. Por exemplo, A.

¹¹ Rita Costa Gomes, “Biografia e História: Reflexões sobre uma experiência,” in *História Romanceada ou Ficção Documentada? Olhares sobre a Cultura Portuguesa*, ed. M. G. Moreira de Sá e V. Anastácio, 61-65 (Lisboa: FLUL, 2009).

¹² Ibid.

¹³ Ver por exemplo António Saraiva, *Fernão Lopes* (Lisboa: Publicações Europa-América, 1960).

¹⁴ Bernardo Vasconcelos e Sousa, “Medieval Portuguese Royal Chronicles. Topics in a Discourse of Identity and Power,” *e-Journal of Portuguese History* 5, n.º2 (2007): 1-7, last accessed November 20, 2018, http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-64322007000200001

Varvaro¹⁵ apontou como Johann Huitzinga nos anos de 1920, se opôs aos que desvalorizavam a obra de Jean Froissart. Huitzinga destacou a importância do relato froissartiano para o estudo da história sociomental da França tardo-medieval. Huitzinga não negou que a obra de Jean Froissart continha erros e imprecisões várias ao nível dos eventos históricos.¹⁶ Contudo, segundo Huitzinga, a capacidade de Jean Froissart em recriar o ambiente da cavalaria tardo-medieval e da aristocracia cortesã nos seus diálogos e representações, torna-o uma grande fonte para o estudo do grupo aristocrático francês tardo-medieval.

Na primeira metade do século XX e até sensivelmente aos anos de 1960, os trabalhos sobre a crise dinástica centraram-se no estudo da obra de Fernão Lopes. Peter Russell estudou as fontes usadas por Fernão Lopes¹⁷ num trabalho ainda hoje imprescindível para este tópico, e Artur M. Basto estudou a possível autoria lopesiana da Crónica de Portugal de 1419.¹⁸ Dorothy Atkinson¹⁹, Albin Beau²⁰ e Audrey Bell²¹ contribuíram com importantes estudos sobre a mensagem e dimensão literária de Fernão Lopes.

Em 1960, Salvador Dias Arnaut²² publicou a sua monumental tese sobre a sucessão de D. Fernando, uma obra ainda hoje fundamental para o estudo da crise portuguesa dos finais do século XIV. António Saraiva²³ publicou uma importante análise da narração lopesiana da crise dinástica. Nos anos de 1980, João Gouveia Monteiro²⁴ estudou o discurso e a análise social de Fernão Lopes. Ainda nessa década e até à sua morte recente, Teresa Amado dedicou-se ao estudo profundo da obra em três vertentes distintas: o discurso e mensagem; a transmissão textual das crónicas; a

¹⁵ Alberto Varvaro, introdução a *Les Chroniques. Livres III et IV*, por Jean Froissart (Paris: Lettres Gothiques, 2004), 337-340.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Peter Russell, *As fontes de Fernão Lopes*, trad. A. Gonçalves Rodrigues (Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, s.d).

¹⁸ Artur de Magalhães Basto, *Estudos. Cronistas e crónicas antigas. Fernão Lopes e a «Crónica de 1419»* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959).

¹⁹ Dorothy Atkinson, "O estilo narrativo de Fernão Lopes," *Separata da Revista Ocidente* LXII (1962): 225-230.

²⁰ Albin Beau, "A preocupação literária de Fernão Lopes", in *Estudos*, de Albin Eduard Beau, 1:1-39 (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959).

²¹ Audrey Bell, *Fernão Lopes*, ed. e trad. António Álvaro Dória (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931).

²² Salvador Dias Arnaut, *A crise nacional dos fins do século XIV. I: A sucessão de D. Fernando* (Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1960).

²³ Saraiva, *Fernão Lopes*, passim.

²⁴ Monteiro, *Fernão Lopes: Texto e Contexto*, passim.

dimensão literária da obra.²⁵ Luís de Sousa Rebelo analisou a visão do poder político em Fernão Lopes.²⁶ Já nos anos de 1990, Armindo de Sousa estudou o discurso da burguesia e dos mesterais no período da crise dinástica.²⁷ Recentemente, Filipe Alves Moreira²⁸ estudou a possível autoria lopesiana da Crónica de Portugal de 1419, um tema que curiosamente pouco interesse gerou na historiografia portuguesa. Para além desta questão, este autor tem produzido uma assinalável e abundante bibliografia sobre a temática de Fernão Lopes, centrada sobretudo na sua mensagem, na transmissão textual da obra lopesiana e no projeto historiográfico da coroa portuguesa nas dinastias de Borgonha e de Avis. Maria do Rosário Ferreira tem produzido um conjunto de trabalhos inovadores sobre as fontes lopesianas para a construção da imagem de Leonor Teles e Inês de Castro.²⁹

Há poucos trabalhos sobre Pero López de Ayala em Portugal. Contudo há a destacar a excelente produção historiográfica de Covadonga Valdaliso-Casanova, que está centrada em quatro campos: o discurso e mensagem de Pero López de Ayala na legitimação da casa de Trastámara; a influência ayaliana na cronística lopesiana; a construção ayaliana da imagem de Pedro I, o Cruel; o grupo petrista e a sua influência na política ibérica do século XIV.³⁰

²⁵ Teresa Amado, “Epílogos sem modelo em Fernão Lopes”, ed. Ana Sofia Laranjinha e José Carlos Ribeiro Miranda. *V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval* (Porto: DEPER da FLUP, 2005): 269-277; Teresa Amado, “Questões textuais sobre manuscritos das crónicas de Fernão Lopes.”, ed. Armando López Castro e María Luzdivina Cuesta Torre. *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* (León: Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, 2007): 191-196. Ver também Teresa Amado, *Fernão Lopes: contador de histórias. Sobre a Crónica de D. João I* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997).

²⁶ Luís de Sousa Rebelo, *A concepção do poder em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1983). Ver também Luís Rebelo, *A tradição clássica na literatura portuguesa* (Lisboa: Livros Horizonte, 1982).

²⁷ Armindo de Sousa, “O parlamento medieval português - perspectivas novas. Cerimónia de Abertura do Ano Lectivo de 1990/91 na Faculdade de Letras do Porto,” *Revista da Faculdade de Letras* (1990): 47-58.

²⁸ Filipe Moreira, “A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade” (Tese de Doutoramento, Fundação Calouste Gulbenkian - FCT, 2013).

²⁹ Maria do Rosário Ferreira, “La plume en tant qu'épée: Les lettres de Leonor Teles dans la Crónica de D. João I de Fernão Lopes”, in *Cartas de Mujeres en la Europa Medieval: España, Francia, Italia, Portugal (siglos XI-XV)*, ed. J.-P. Jardin et al. (Madrid: Ediciones de la Ergastula. 2018): 299-310. Maria do Rosário Ferreira, “Inês de Castro et la juive de Tolède: un cas de réception active chez Fernão Lopes”, *e-Spania* 19 (2014), last accessed June 10, 2019, <http://journals.openedition.org/e-spania/23958>

³⁰ Ver Covadonga Valdaliso-Casanova, “Discursos de legitimación de la dinastía Trastámara (1366-1388)” in *Ruptura i legitimació dinàstica a l'Edat Mitjana.*, ed. Flocel Sabaté, 127-142 (Lleida: Pagès editors, 2015); Covadonga, Valdaliso-Casanova, “La lectura política de Fernão Lopes de la ‘Crónica de don Pedro’, de Pedro López de Ayala” (Tese de mestrado, Universidad de Valladolid, 2002); Covadonga, Valdaliso-Casanova, *Historiografía y legitimación dinástica. Análisis de la crónica de Pedro I de Castilla* (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010); Covadonga, Valdaliso-Casanova, “El exilio político de los petristas en Portugal (1369-1373)” *Erasmus. Revista de Historia Bajomedieval y Moderna* 1 (2014): 221 – 246.

Jean Froissart tem uma das obras mais vastas e complexas da Idade Média. As suas crónicas têm mais de 1 milhão de palavras.³¹ Os vários erros e imprecisões que as suas crónicas revelam gerou uma imagem negativa de Jean Froissart na historiografia. Isso explicará o desinteresse pela sua obra, por entre as décadas de 1930 e de 1980. Contudo, a partir dos anos 1990, Michel Zink, George Diller, Alberto Varvaro, Godfried Croenen³² e Peter Ainsworth têm relançado e dominado os trabalhos sobre Jean Froissart em três vertentes: o estudo da transmissão e preservação textual da sua tradição manuscrita; a análise da mensagem froissartiana; a publicação e edição da monumental obra das *Crónicas* em formato *online* e livro.

Pero López de Ayala é um autor pouco estudado em Portugal,³³ porque os estudos da crise dinástica estão dominados por Fernão Lopes. Contudo, deram-se alguns avanços nesta questão. Diogo Gomes³⁴ publicou uma tese de mestrado sobre as representações das batalhas de 1383-1385 em Pero López de Ayala e Fernão Lopes. Rui Santos³⁵ analisou as representações aristocráticas em Fernão Lopes e Pero López de Ayala. Estas iniciativas datam dos últimos cinco anos e são grandemente de louvar. Apesar dos trabalhos sobre Pero López de Ayala serem ainda escassos dentro da comunidade historiográfica portuguesa, note-se que no seu seio existe uma tendência crescente acerca da obra desta cronista, e onde o nosso trabalho poderá ser inserido.

A obra de Pero López de Ayala possui essencialmente duas versões³⁶, a longa e a curta e é conhecida em Portugal essencialmente através de edições espanholas nem sempre de fácil acesso. A obra de Fernão Lopes não conhece grandes variações textuais e possui ampla difusão nacional no que toca a edições. Contudo, é uma obra que

³¹ Skorge, *Ideals and values*, 2.

³² Michel Zink, *Froissart et le temps* (Paris: Puf, 1998); George Diller destacou-se na publicação de várias edições dos manuscritos e refundições da obra de Jean Froissart, ver por exemplo Jean Froissart, *Chroniques*, ed. Georges T. Diller (Geneva, Droz, 1972); Varvaro notabilizou-se na edição das Crónicas (ver nota de rodapé 15 da página 5 do presente trabalho), assim como na análise filológica da obra froissartiana, ver Alberto Varvaro, “Problèmes philologiques du Livre IV des Chronique de Jean Froissart”, in. *Patrons, Authors and Workshops: Books and Book Production in Paris around 1400*, ed. Godfried Croenen e Peter Ainsworth, 255-277 (Leuven: Peeters, 2006). Godfried Croenen acumulou uma vastíssima produção historiográfica sobre Jean Froissart que é impossível citar aqui em pleno. Por isso remetemos para a consulta do perfil do Professor Godfried Croenen na *Academia Edu*, onde está disponível uma parte considerável da sua produção historiográfica, ver Godfried Croenen, *Perfil*, last accessed August 5, 2021, <https://liverpool.academia.edu/GodfriedCroenen>

³³ Amado, *Fernão Lopes*, 19.

³⁴ Diogo Gomes, “Imagens e Memórias de uma Guerra Comum: as Batalhas de 1383-1385 nas Crónicas de Pero López de Ayala e de Fernão Lopes” (Tese de mestrado, NOVA FCSH, 2018).

³⁵ Rui Santos, “Representações da aristocracia nas Crónicas de Pero López de Ayala e Fernão Lopes” (Tese de mestrado, FLUP, 2017).

³⁶ Martin, introdução a *Crónicas*, lxiii-lxxi.

possuiu poucas traduções para línguas estrangeiras, sendo que se registam algumas iniciativas muito recentes nesse sentido.

Para o pouco estudo de Jean Froissart em Portugal contribuiu grandemente a problemática transmissão textual da sua obra. As *Crónicas* constituem uma obra vastíssima pautada por sistemáticas variações textuais, interpolações e refundições. Isto colocou sempre problemas na divulgação e acesso à obra froissartiana. A publicação das crónicas em formato livro tornou-se uma tarefa difícil, devido ao elevado número de volumes que esta implica e à dificuldade em estabelecer um texto-padrão. Apesar de em Portugal não existir uma tradução completa das *Crónicas* de Jean Froissart, foi publicada em 2008³⁷ uma tradução parcial do Livro III, da matéria referente ao conflito luso-castelhano de 1383-1385. Esta excelente iniciativa permite o acesso aos investigadores portugueses de uma tradução portuguesa dos capítulos de Jean Froissart sobre a crise sucessória.

A isto junta-se a publicação *online* da quase totalidade das crónicas de Jean Froissart, em sistema de acesso aberto e num formato de leitura orientado para o investigador.³⁸ Pela raridade do estudo de Jean Froissart em Portugal, pela importância dos seus relatos, que veiculam uma versão de Aljubarrota que diverge das versões de Fernão Lopes e Pero López de Ayala, e pelo facto também do cronista ter sido contemporâneo aos acontecimentos que narrou, a importância do estudo de Jean Froissart torna-se evidente.

3. Fontes

As fontes usadas para esta tese serão as crónicas de D. Pedro I,³⁹ de D. Fernando⁴⁰ e de D. João I⁴¹ de Fernão Lopes; as *Crónicas* de Pero López de Ayala⁴², e

³⁷Jean Froissart, *Crónicas: duas passagens relativas a Aljubarrota*, ed. Mário Barroca, trad. Ana Sofia Laranjinha (São Jorge: FBA, 2008)

³⁸Peter F. Ainsworth e Godfried Croenen, *The Online Froissart*, last accessed 5 January, 2022, <https://www.dhi.ac.uk/onlinefroissart/apparatus.jsp?type=intros&intro=f.intros.PFA-Froissart>

³⁹Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, ed. Giuliano Macchi e Teresa Amado, 2ªed. (Lisboa: INCM, 2007).

⁴⁰Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, ed. Giuliano Macchi e Teresa Amado, 2ª ed. rev. (Lisboa: INCM, 2004).

⁴¹Fernão Lopes, *Crónica de D. João I: Primeira Parte*, ed. Teresa Amado, Ariadne Nunes, Carlota Pimenta e Mário Costa, 1ª ed. (Lisboa: INCM, 2017); Fernão Lopes, *Cronica del Rei Dom Joham I de boa memoria e dos Reis de Portugal o decimo*, ed. Luís F. Lindley Cintra, Anselmo Braancamp Freire e William Entwistle, 1ª ed. (Lisboa: INCM, 1977), II vol.

⁴²Ayala, *Crónicas*.

as *Crônicas* de Jean Froissart.⁴³ As obras de Fernão Lopes e Pero López de Ayala são crônicas régias, ao passo que Jean Froissart é um cronista da cavalaria, não um cronista régio oficial.⁴⁴ As obras partilham sensivelmente da mesma cronologia mas não do mesmo espaço de origem e de análise. Os autores castelhano e português centraram a sua obra essencialmente na Península Ibérica, ao passo que o cronista francês cobriu os reinos de Inglaterra, França, Portugal e Castela.

Existe uma espécie de intertextualidade entre os três cronistas. Fernão Lopes fez de Ayala a sua principal fonte para as matérias do reinado de Pedro I de Castela e da crise dinástica. Jean Froissart é contudo fonte de Fernão Lopes e de Pero López de Ayala para as matérias de Pedro I de Castela e da crise dinástica.

4. Metodologia

A nossa metodologia assenta numa análise comparatista e interdisciplinar. Iremos analisar textos literários de pendor historiográfico, contrastando relatos cronísticos, versões, variantes textuais e edições. Numa primeira fase, procederemos ao levantamento das fontes primárias e secundárias e da bibliografia para a tese. Numa segunda fase, faremos a leitura, contraste e interpretação das fontes e bibliografia. Para o cotejo de versões faremos uso da diplomática e da paleografia. Recorreremos também a dicionários especializados de línguas medievais para aclarar vocábulos existentes nas crônicas.

“Importaremos” da literatura e da linguística conceitos e estratégias de análise e interpretação textual, que serão fundamentais para descodificar os códigos literários que foram criados pelos autores e que permitirão aclarar os propósitos ideológicos dos mesmos. Poderemos fazer uso pontual de quadros, gráficos ou tabelas quando se mostrar necessário verter informação de tipo estatístico, nomeadamente o uso de tabelas que quantifiquem, por exemplo, o número de vezes que cada personagem foi referida nas crônicas e os respetivos capítulos em que se encontram essas referências. Este método permite, por um lado, agrupar melhor a informação e, por outro, uma maior rapidez na procura de referências cruzadas.

⁴³ A dispersão do texto das *Crônicas* em várias edições, devido às variantes e distintas refundições, obriga-nos a usar várias edições para obtermos um texto completo e fidedigno. Além das supracitadas edições das *Lettres Gothiques* usaremos simultaneamente as edições citadas nas notas de rodapé 37 e 38 da página 8 do presente trabalho.

⁴⁴ Esta questão é analisada em maior detalhe no ponto 6 deste trabalho.

5. Estrutura provisória do trabalho final

A estrutura da tese de doutoramento é ainda provisória, mas pensamos em organizá-la em seis partes. A primeira parte é de cariz introdutório e nela explanaremos em detalhe o tema e objeto de estudo da tese, os seus objetivos, as fontes e a metodologia. A segunda parte consistirá num detalhado estado da arte, com especial enfoque na evolução das visões historiográficas sobre a crise dinástica e sobre a trajetória e obra dos cronistas. Na terceira parte iremos apresentar a crise dinástica de 1383-1385 nos seus principais episódios, protagonistas e contexto histórico. Na quarta parte iremos apresentar os diversos relatos e versões dos cronistas sobre a crise sucessória. Na quinta parte, capítulo central da tese, faremos a análise, contraste e interpretação dos relatos e narrações. Na sexta parte faremos as conclusões da investigação, tentando focar não só as nossas interpretações sobre o tema da tese, mas também os avanços, inovações e questões que pensamos poderem ter sido colocados por este trabalho.

6. Dados semi-tratados, hipóteses ou conclusões provisórias

A crise dinástica é um dos temas mais analisados da historiografia portuguesa. Contudo, este estudo está centrado fundamentalmente nas representações lopesianas. Queremos contribuir para integrar na nossa análise autores/fontes pouco estudados em Portugal, como são Pero López de Ayala e Jean Froissart. Neste âmbito observamos que tópicos como as fontes literárias da crise dinástica têm sido secundarizadas no debate historiográfico. Daí o contraste, que sentimos inovador, do discurso lopesiano com os discursos ayalianos e froissartianos sobre este acontecimento. Uma das questões que procuraremos elucidar são as fontes, secundárias, perdidas ou não, que foram usadas pelos cronistas e que existiriam durante os séculos XIV e XV.

Outra questão que pensamos tem sido pouco destacada têm sido os direitos sucessórios femininos medievais. A infanta Beatriz, que à partida seria a herdeira natural da coroa portuguesa, tem sido uma figura secundarizada no debate sobre a sucessão portuguesa de 1383, visto que por vezes se defende que por ser mulher passaria a coroa a Juan I pelo casamento e este seria o natural herdeiro de D. Fernando. Recentemente esta situação tem-se invertido, com a produção de alguns trabalhos de fundo sobre este tema.⁴⁵ Esta questão emerge de uma tendência historiográfica que

⁴⁵ César O. Serrano, *Beatriz de Portugal: La pugna dinástica Avis-Trastámara*, (Santiago de Compostela: Consejo Superior de Investigaciones Científicas Xunta de Galicia, 2005). Ver também

procura reanalisar a problemática do papel feminino no poder régio e na sucessão dinástica medieval.⁴⁶ O papel dos bastardos na sucessão régia será também uma questão a aprofundar e considerando que os três cronistas retratam episódios de ascensão à coroa por filhos bastardos, cremos que existe um potencial interessante para um exercício comparatista de processos políticos similares em geografias distintas. Procuraremos aprofundar estas questões por forma a produzirmos um trabalho inovador.

Sobre algumas destas questões podemos fazer já algumas conclusões, ainda que provisórias. Fernão Lopes pela sua vivência de Corte conviveu com muitos dos protagonistas da crise. Além disso, a disputa entre Portugal e Castela pelo trono português só verdadeiramente terminou na primeira metade do século XV, ao contrário da ideia por vezes generalizada de que terminou em Aljubarrota em 1385.⁴⁷ Castela nunca desistiu de reivindicar o trono português, mesmo com a assinatura de tratados de paz, sendo que Fernão Lopes já vivenciou esta última fase tardia do conflito. A isto junta-se o facto de em 1418⁴⁸ Fernão Lopes ter sido nomeado guarda-mor da Torre do Tombo e em 1419 ter provavelmente escrito a *Crónica de Portugal de 1419*.⁴⁹ Como guarda-mor e cronista do reino, Fernão Lopes teria acesso total aos arquivos oficiais e aos textos literários de primeira geração que ainda estavam a ser preparados sobre este acontecimento (que na altura era ainda muito recente) e cujos moldes e enquadramento ideológico estariam ainda a ser equacionados. Por outro lado, Pero López de Ayala, pela sua participação direta nos acontecimentos e pela sua posição de Chanceler, teve acesso privilegiado aos protagonistas da crise dinástica e às fontes oficiais. Jean Froissart assentou o seu relato nos testemunhos diretos que coletou, tendo usado pouca documentação para contrastar os dados.⁵⁰

As diferenças fundamentais entre as representações cronísticas da crise dinástica em Fernão Lopes, Jean Froissart e Pero López de Ayala assentam em quatro vertentes. A primeira prende-se com o objetivo historiográfico de cada um dos autores.

Isabel Baleiras, “Os Casamentos da Infanta D. Beatriz de Portugal (1373-1420?),” *Revista Raízes & Memórias* n.º 28 (2011): 443-448.

⁴⁶ Maria do Rosário Ferreira, “La reine est morte: la succession politique des filles de roi aux XIe et XIIe siècles,” *e-Spania* 17 (2014), last accessed 20 January, 2021, <https://journals.openedition.org/e-spania/23433>; Amelia Hutchinson, “Encontro de Horizontes: Um estudo metahistórico das figuras de Leonor Teles e Filipa de Lencastre nas crónicas de Fernão Lopes,” *Hispania* 85 n.º. 3 (2002), 476-485.

⁴⁷ Néstor Montes, “El maestre Davis que se fazia llamar rey de Portugal” – La imagen propagandística de D. João I de Portugal en las fuentes castellanas,” *Medievalista* 23 (2018), 1-33.

⁴⁸ Monteiro, *Fernão Lopes*, 72.

⁴⁹ Ver a este respeito Moreira, *A crónica de Portugal*, passim.

⁵⁰ Varvaro, *Introdução*, passim.

Fernão Lopes pretendia defender a ascensão da casa de Avis⁵¹ e retratar a vitória portuguesa como um grande feito militar devido à superioridade numérica militar dos castelhanos. Pero López de Ayala pretendia retratar a derrota castelhana como resultado do demérito de Juan I e dos seus soldados em Aljubarrota.⁵² Jean Froissart também aponta os erros e soberba castelhana como fatores decisivos para a derrota. Contudo, para Jean Froissart, em qualquer evento, as representações centram-se grandemente nos episódios militares, tendo o cronista a preocupação em elogiar os belos feitos de armas conseguidos, sem tanta preocupação à partida com quem tem razão nas disputas.⁵³ Contudo, Jean Froissart não deixará de ter uma posição ideológica neste conflito, nomeadamente na crítica à vitória de uma linha bastarda na sucessão régia portuguesa. Este cronista defenderá, ao contrário de Pero López de Ayala ou Fernão Lopes, que a vitória portuguesa, pese embora a arrogância castelhana, foi resultado do mérito militar português. Para Jean Froissart, os bastardos não poderiam à partida herdar a coroa, a não ser em casos excepcionais. A única forma de obterem a coroa era “ganhar pela força”⁵⁴ o trono, numa guerra, tornando-se *reis de facto*. Tal foi o que aconteceu em 1385, em Aljubarrota, onde, para Jean Froissart, por mérito português e demérito castelhano, D. João I tornou-se efetivamente rei de Portugal.

Para Fernão Lopes, o Mestre de Avis foi rei por vontade de Deus, porque era o melhor dos candidatos nas cortes de Coimbra e porque era também filho de rei.⁵⁵ Para Pero López de Ayala, o Mestre de Avis traiu o juramento de lealdade a D. Beatriz e declarou-se rei de forma ilegal, contrariando os tratados assinados no tempo de D. Fernando que estipulavam D. Beatriz e Juan I como herdeiros da coroa portuguesa.⁵⁶

Uma segunda diferença consiste na visão sobre D. Beatriz. Em Pero López de Ayala, a infanta é a herdeira da coroa portuguesa, porque é filha legítima do rei D. Fernando. Em Fernão Lopes, os seus direitos sucessórios são postos em causa através sobretudo de duas argumentações. A primeira consiste em afirmar que uma hipotética herança da coroa portuguesa pela infanta colocaria Portugal em risco de anexação por

⁵¹ Monteiro, *Fernão Lopes*, passim.

⁵² Amado, *Fernão Lopes*, passim.

⁵³ Varvaro, *Introdução*, passim. Ver por exemplo o começo do Prólogo de Jean Froissart “Afin que les grans merveilles et li biau fait d’armes qui sont avenu par...”, ver Froissart, *Chroniques*, Livro I, 71.

⁵⁴ Froissart, *Crónicas: duas passagens*, 40-50.

⁵⁵ Lopes, *Crónica de D. João I. Parte I*, caps. CLXXXIII-CXCII.

⁵⁶ Montes, “El maestro Davis”, passim.

Castela. A segunda argumentação passa por lançar dúvidas sobre a paternidade de D. Beatriz, insinuando que esta não era filha de D. Fernando.⁵⁷ Aqui, de certo modo, a imagem de D. Beatriz liga-se de forma umbilical à da mãe, Leonor Teles. Para lançar dúvidas sobre Beatriz, o cronista português insinua que a rainha é uma mulher imoral e adúltera.

No sentido oposto, para defender a imagem de Beatriz, Pero López de Ayala e Jean Froissart têm de forçosamente defender Leonor Teles, conquanto existam diferenças entre as duas versões. Em Pero López de Ayala, Leonor Teles é uma mulher moral, uma rainha exemplar, que se limita, aquando da morte do marido, a fazer cumprir as cláusulas dos tratados entre Portugal e Castela. Só quando a rainha se indispuer com Juan I e este a mandar prender em Castela, é que a imagem dela se torna negativa em Pero López de Ayala. Em Jean Froissart, apesar do cronista não ser adepto à partida da ideia das mulheres herdarem a coroa, algo que na França, donde é originário, não é possível, quer a imagem de Beatriz quer a de Leonor Teles emerge neste autor de forma distinta, quer da visão ayaliana, quer da lopesiana. Usando a narração⁵⁸ de Lourenço Fogaça na sua obra, Jean Froissart sugere duas ideias fundamentais à volta de D. Beatriz. A primeira, é que ela não pode herdar porque, pese embora ser filha de D. Fernando, o casamento do rei com Leonor Teles foi irregular, visto esta ser já casada com João da Cunha. Apesar de nunca Lourenço Fogaça, que é enviado pelo Mestre de Avis à corte inglesa para pedir apoio para a guerra de sucessão, colocar em causa a paternidade de D. Beatriz, ela passa, no relato de Jean Froissart, de única herdeira de D. Fernando, a uma filha bastarda, porque Fogaça afirma que o casamento do rei não foi válido. Em confirmação desta ideia, o retrato de Leonor Teles em Jean Froissart difere quer do de Pero López de Ayala, quer do de Fernão Lopes. Em Jean Froissart, a rainha é uma mulher vítima de uma paixão obsessiva do rei D. Fernando, que a obrigou a casar, contra a sua vontade, não mostrando a rainha em momento algum a ambição de ser rainha.⁵⁹

A segunda ideia fundamental transmitida em Jean Froissart, é que Beatriz simboliza, para a facção do Mestre de Avis, a influência castelhana na corte, sendo também um veículo para um projeto de reunião da coroa portuguesa e castelhana numa só, o que contraria a tradição de independência do reino português, aspecto a

⁵⁷ Lopes, *Crónica de D. Fernando*, cap. CL.

⁵⁸ Froissart, *Crónicas, duas passagens*, 68-69.

⁵⁹ Froissart, *Crónicas, duas passagens*, 66-69.

que Fogaça alude sistematicamente no seu relato em Jean Froissart.⁶⁰ Sendo assim, a candidatura de Beatriz é rejeitada em Jean Froissart por motivos distintos dos que são invocados pela fação do Mestre de Avis no relato lopesiano. Para Jean Froissart, tudo se resumirá ao candidato que ganhar a coroa “pela força” na batalha.

Fernão Lopes nunca faz especial crítica ao facto de Beatriz ser mulher, mas sim nos rumores de que não era filha do rei. Já Pero López de Ayala entende que as mulheres podem herdar ou transmitir a coroa. Para Jean Froissart, a questão principal é a invalidez do casamento de Leonor Teles e do rei D. Fernando.

Esta questão entronca no debate sobre o estatuto feminino na herança medieval. Estamos em crer que é uma questão complexa mas que não era impossível as mulheres herdarem a coroa, apenas tal não era comum. Maria Gomes salientou que o grupo aristocrático nunca estipulou um modelo claro de sucessão familiar.⁶¹ Cremos que por razões consuetudinárias, a primogenitura varonil era o principal critério na sucessão das grandes casas nobiliárquicas e na coroa, contudo tal não era condição *sine qua non* para a transmissão da coroa. Se um novo rei fosse do desagrado da nobreza ou pendesse sobre ele alguma dúvida poderia ser derrubado, veja-se o caso de Pedro I, o Cruel, de Castela, que sendo o rei legítimo, teve sempre uma forte oposição desde o primeiro dia e acabou deposto e assassinado pelo irmão bastardo, Henrique de Trastâmara. Por seu turno, Beatriz, pese embora ser a filha legítima de D. Fernando e sua única herdeira, acabou afastada do trono para dar lugar ao seu tio, um bastardo. Por outro lado, na Península Ibérica existiram casos, como os de Urraca, rainha de Leão, que reinaram, mesmo sendo mulheres.

Cremos que esta é uma questão complexa, pelo facto de o direito medieval de sucessão não estar totalmente definido para estas questões, fruto em parte do choque e sobreposição entre as regras consuetudinárias e as leis civis. Por outro lado, esta indefinição poderia ser também algo voluntariamente desejado. De modo a preservar as casas nobiliárquicas e a coroa de situações de crise política ou em casos extremos de um processo de extinção, seria necessário por vezes recorrer a sucessões régias com cariz excepcional, permitindo a herança da coroa por parte de bastardos ou de infantas. Também para garantir a possibilidade de remoção de reis indesejados, as regras da sucessão nunca foram excessivamente rígidas, permitindo casos de substituição de reis

⁶⁰ Ibid, 78-86.

⁶¹ Maria Gomes, “Para além da linhagem. Poder e sucessão régia no feminino” *e-Spania* 11 (2011): 5, last accessed 7 Dezember, 2021, <https://journals.openedition.org/e-spania/20282>

caídos em desgraça por candidatos nem sempre na frente da linha de sucessão. Estas situações, com cariz esporádico, tinham de ser acauteladas e estamos em crer que isto explica em parte o porquê da contradição entre os princípios de sucessão régia da teoria para a prática. É contudo uma questão que aprofundaremos mais em detalhe na tese.

A terceira diferença entre os três cronistas refere-se ao peso da matéria bélica nas crónicas. Ao passo que em Pero López de Ayala e Fernão Lopes, os episódios bélicos estão subordinados ao tema principal de cada capítulo e só são mencionados na matéria concernente às batalhas que os autores têm necessariamente de cobrir, em Jean Froissart a guerra e os episódios militares ganham uma importância que não há nos primeiros. Ainsworth aponta que Jean Froissart tem uma enorme qualidade “visual” na reconstrução dos episódios bélicos, conseguindo transportar literalmente o leitor para as cenas de guerra que recria.⁶² Fernão Lopes e Pero López de Ayala têm como principal objetivo exaltar as novas dinastias em Portugal e Castela. As batalhas interessam apenas na medida em que foram importantes para a história dos reinos que cobrem. No restante, Fernão Lopes e Pero López de Ayala não dão a mesma importância à matéria bélica que Jean Froissart dá.

A quarta diferença consiste na natureza das fontes que os cronistas usam. Jean Froissart foi testemunha de vários dos episódios que narrou, mas assentou sobretudo a sua narração em testemunhos orais. Considerando que Jean Froissart foi um escrivão e notário, esta opção pelas fontes testemunhais causa ainda hoje surpresa e grande discussão na historiografia. Devido à dependência de relatos de terceiros, os erros e imprecisões de Jean Froissart são vários. Por contraponto, Pero López de Ayala e Fernão Lopes recorreram abundantemente à documentação, sendo que o português foi o que mais se destacou nesta questão. Isto deve-se em parte, ao facto de que Fernão Lopes não testemunhou os acontecimentos que narrou, tendo-se contudo munido de documentação vasta, além de testemunhos indiretos, diretos, lendas e textos cronísticos hoje perdidos para compor a sua narração.⁶³ Já Pero López de Ayala recorreu quer à documentação quer à sua memória pessoal, visto ter sido participante direto na crise dinástica.

Isto pode explicar uma questão curiosa que se nota ao contrastarmos as versões ayalianas com as lopesianas. F. Marcilla apontou que em alguns momentos, Pero López

⁶² Ainsworth, *Introdução*, 33.

⁶³ Saraiva, *Fernão Lopes*, 13-15; Monteiro, *Fernão Lopes*, 72.

de Ayala sobrepôs datas de eventos diplomáticos em que ele mesmo participou⁶⁴ e é o próprio Fernão Lopes nas suas crónicas que corrige estes erros de Pero López de Ayala. Acrescentamos que estamos em crer que não se trata de Fernão Lopes ser mais honesto como cronista que Pero López de Ayala, mas sim que tal mostra a diferença entre um cronista que narra factos que vivenciou e um cronista que narra a partir de décadas de distância e apoiado em documentação. Ambas as situações possuem prós e contras. O facto de Pero López de Ayala relatar o que viveu confere ao seu relato uma aura de maior autenticidade. Contudo, a memória pessoal pode criar armadilhas mentais, nomeadamente uma típica confusão de episódios históricos, a juntar a uma menor distância emocional dos factos e também à falta de documentação oficial sobre os eventos, o que sempre ocorre nos primeiros anos de cada episódio histórico; entende-se assim que haja mais erros em Pero López de Ayala do que no cronista português.

Já Fernão Lopes, que escreve décadas depois, pôde contudo, recorrer a abundantes fontes de todo o tipo, pois estes episódios teriam já sido vertidos em inúmeros textos, o que lhe permitiu um cotejo de fontes e uma análise metodológica da cronologia e detalhes que Pero López de Ayala não teria ao seu dispor, por estar mais próximo dos factos.

⁶⁴ Francisco José Marcilla, “El clero en el contexto diplomático de la Guerra de los Cien Años: una mirada desde las crónicas oficiales al período ibérico (1366-1388)” in *Comunicación política y diplomacia en la Baja Edad*, ed. Nestor Montes (Évora, Publicações do CIDEHUS, 2019), last accessed April 18, 2020, <https://books.openedition.org/cidehus/7315>